



# RESENHA

# INTRODUÇÃO À PRAGMÁTICA – A LINGUAGEM E SEU USO, DE RONALDO DE OLIVEIRA BATISTA

**Dina Maria Martins Ferreira\***

■ Como a própria divulgação do livro indica, trata-se de uma obra voltada para “estudantes de graduação e para os iniciantes das questões de linguagem em uso, o livro em linguagem didática oferece uma introdução aos tópicos essenciais da comunicação humana, enunciação e temas clássicos da pragmática, como atos de fala e máximas conversacionais”<sup>1</sup>.

E me utilizando de tais prerrogativas difusoras, divido essa resenha em duas partes: uma que dá conta do valor da obra para o mundo do ensino e aprendizagem, e outra sobre as políticas de representação da junção de conteúdos teóricos abordados e escolhidos para compor sua escritura.

Na primeira parte, os valores de que se revestem essa obra estão sob a égide do alcance da prática do ensino e aprendizagem. Nesse tópos, seu primeiro valor é sua proposta clara e consciente de que se trata de uma leitura cujas isotopias – didático e iniciação – se fazem vetores principais de sua escritura – principalmente pelo vácuo editorial em que se encontra a Pragmática e seus modos de fazer, ou seja, entender e praticar a linguagem em uso.

É do conhecimento dos estudiosos que um livro didático não se propõe ao *renversement* (DERRIDA, 1991, 1999), ao deslocamento de centros conceituais, com a finalidade de fazer emergir aqueles recalcados pela hegemonia teórica, pois a proposta de “desconstrução não consiste em passar de um conceito para outro, mas em modificar e deslocar uma ordem conceitual assim como a ordem não-conceitual à qual se articula” (DERRIDA, 1991, p. 372). Uma proposta didática, para iniciantes, está em rumo contrário a uma proposta de *renversement*, ou seja, representa, na maioria das vezes, a emergência de práticas e teorias consagradas no e pelo mundo acadêmico, sejam elas aceitas, refutadas ou criticadas pelos grandes pensadores de uma Linguística Crítica (RAJAGOPALAN, 2003).

O segundo valor dessa obra está no próprio título – *Introdução à pragmática: a linguagem e seu uso* –, que reafirma a proposta de seu conteúdo. O sentido de “introdução” (HOUAISS, 2001) ancora a oferta de uma prática didática para ini-

\* Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro pesquisador do Centre sur les Actuels et Le Quotidien, Université René Descartes, Paris V, Sorbonne. Email: dinaferreira@terra.com.br

<sup>1</sup> Texto veiculado pela Comunidade Virtual da Linguagem (CVL) algumas vezes.

cientes, ou seja, significaria sob o ponto de vista do autor “a parte inicial”, “fazer entrar algo”, e para o leitor “ingressar”, “entrar”, no caso, no rito de iniciação da linguagem em uso. O verbo *introducere*, nada mais e muito mais, significaria nessa isopia “fazer entrar o discípulo-iniciante” no mundo da “linguagem e seu uso”; e seu substantivo *introductione* poderia aqui representar “um pequeno trecho que se antepõe à exposição temática de uma peça musical”, no caso a peça complexa da disciplina/área “pragmática” e suas fronteiras teóricas. Mas vale a ressalva que no pequeno se localiza a grandiosidade de um gesto corajoso de ofertar e abrir a porta àqueles que estão à espera do conhecimento – como o próprio autor diz, para os “cursos de Letras e Comunicação”.

O terceiro é a junção entre prática e teoria, que mesmo sob a égide do didatismo alcança uma das grandes problemáticas políticas do estudo da linguagem, senão da ciência, ou melhor, o embate entre ciência “pura” que habita o universo do abstrato e ciência “impura” (RAJAGOPALAN, 2003, 2010, 2012; FERREIRA, 2008), sua aplicação e intervenção social. E o autor dá conta de sua prática na sociedade: dois percursos sempre em embates – prática e teoria –, muitas vezes paralelas que nunca se encontram, “entortam-se” em busca da convergência, possibilitando o didatismo proposto. Com isso, o iniciante sai do mundo adâmico das teorias e consegue tocar o mundo concreto de sua aplicabilidade para o crescimento da aprendizagem.

E outro grande valor está na possibilidade de colocar Pragmática no singular, unindo múltiplos universos das pragmáticas. Oferece-se ao leitor iniciante uma visão geral da linguagem em uso, excluindo ao que designa como Pragmática do seu *status* de “lata de lixo” (MEY, 1985; RAJAGOPALAN, 1996).

E é nessa pluralidade de pragmáticas, propositadamente no plural, que o autor nos permite entrar na valoração micro das partes teóricas, escolhidas e abordadas, a que o autor chama de Pragmática, no singular, um universo constituído de pontos teóricos, para alguns estudiosos talvez inconciliáveis.

Uno a Introdução ao Capítulo 1, “‘Quem não se comunica...!’; interação verbal e comunicação humana” (p. 13 e p. 25, respectivamente), pois se constituem de um prólogo aos estudos pragmáticos. Na Introdução o autor apresenta questões de linguagem da ordem do estruturalismo-semiótico do signo e do mentalismo, para depois anunciar no Capítulo 1 a organização comunicacional da linguagem, quando traz o aporte de sua entrada na Pragmática. No Capítulo 2, “‘As palavras e as coisas por detrás’: conceituação e temas da pragmática” (p. 47), organiza conceitos e temas, não deixando de esclarecer que “conceituar pragmática como forma de abordagem de fenômenos das línguas naturais não é tarefa simples e acaba levando a discussões e embates teóricos e epistemológicos” (p. 48), a que acrescento embates políticos de hegemonias teóricas como tentativas de delinear fronteiras disciplinares. O Capítulo 3, “‘Quem, onde e quando?: uso da linguagem e a dêixis” (p. 61), apresenta uma pragmática que denominaríamos de Pragmática Linguística, em que a matéria linguística tem a primazia de explicar a linguagem em uso. No Capítulo 4, “‘Palavras não são só palavras’: os atos de fala”, mesmo sem negar perspectivas austinianas, a que chamo de Pragmática Filosófica, o autor adere à sistematicidade que Searle faz de Austin; talvez como um recurso didático, pois está na sistematização, ainda, um veículo profícuo da prática do ensino a graduandos em universidades brasileiras. E no Capítulo 5, “‘Para significar, é preciso colaborar’: o princípio de cooperação” (p. 87), volta ao universo comunicacional, em que sujeitos agem para a eficácia comunicativa.

O que paradoxalmente chama a atenção nessa obra é a postura do autor que, para alguns estudiosos, estaria para uma escritura que se utiliza de teorias que são ou foram hegemônicas, mesmo que justificada, aos olhos de alguns, pela proposta didática. Ao se utilizar de pressupostos “essenciais”, nas palavras do

autor, para entendimento da linguagem em uso, o autor justamente adquire uma postura anti-hegemônica, pois contradiz aos ditos sujeitos anti-hegemônicos – muitas vezes ontologizados –, ao mostrar que o que pode ser considerado hegemônico ainda pode ser recurso de ensino e aprendizagem, mesmo que a ciência crítica labute contra passados teóricos – passado não menos importante, inclusive necessário para gerar posturas críticas. E seu caminho anti-hegemônico se afirma tanto pela coloquialidade de seus títulos, como por sua Conclusão (p. 105), abolindo fronteiras entre a linguagem coloquial e científica – vide a exímia informalidade utilizada em seus títulos –, e entre língua e literatura – um outro embate de fronteiras nos intramuros universitários.

Convido a todos os iniciantes e àqueles que professam a prática do ensino a paginarem essa obra em suas atuações docentes, não só como uma obra clara e simples, mas principalmente como um estudo sério e didático. Comungo com o autor e Drummond, o desejo de “penetra[r] surdamente no reino das palavras”, pois “lá estão os poemas que esperam ser escritos”, e “calma se te provocam” (p. 105), pois tanto a prática quanto a aquisição do conhecimento estão aí à nossa espera.

## REFERÊNCIAS

DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Tradução Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. São Paulo: Papirus, 1991.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FERREIRA, D. M. M. Exclusão do saber: do pesquisador ao conhecimento. *Revista Intercâmbio*, v. XVII, 2008. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/lael>>. Acesso em: jul. 2010.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEY, J. L. *Whose Language: a study in Linguistic Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

RAJAGOPALAN, K. Pragmática – uma vista aérea. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 30, p. 1-7, 1996.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica – linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, K. *A Nova Pragmática – fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola, 2010.

RAJAGOPALAN, K. A “dadidade” dos ditos dados na/da pragmática. In: GONÇALVES, A. V.; GOIS, M. L. S. (Org.). *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado das Letras, 2012.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira.

*Introdução à pragmática:  
a linguagem e seu uso.*

São Paulo: Editora Mackenzie,  
2012. 117 p.

(Coleção Conexão Inicial, v. 1).